



# SAÚDE DO *estudante* IFAP

## Bullying

Atualmente, as relações sociais, sobretudo no seio das organizações, são marcadas por preconceitos, estereótipos e impedimentos à comunicação e à convivência cotidianas, caracterizando a redução da possibilidade de se ter experiências. Como as relações escolares também apresentam esses traços, o estudo acerca do modo como essa forma de regressão interfere nos objetivos da escola torna-se central (ALVES et al, 2017).



O ambiente escolar se caracteriza como um local privilegiado para se refletir sobre as relações sociais que envolvem crianças e jovens, pais e filhos, educadores e educandos. É também no contexto escolar que fatores como a socialização, a promoção da cidadania e o desenvolvimento pessoal podem modificar-se tanto positiva quanto negativamente (CAMPOS; TREVISOL, 2016).

A violência que ocorre em ambientes escolares é caracterizada por comportamentos agressivos e antissociais, como conflitos interpessoais. O *bullying* pode ser compreendido como um subconjunto e formas de comportamentos agressivos, verbais ou físicos, intencionais e repetitivos, ocorrendo sem uma motivação evidente. Pode ser realizado por um ou mais estudantes contra outros, causando dor e angústia, e é executado dentro de uma relação desigual de poder. Apresenta-se como um problema de ordem social tanto para o Brasil como para diversos outros países (SANTOS; SOARES, 2016).

Entendemos que o *bullying* não é reflexo de problemas psicológicos próprios do âmbito pedagógico, mas compreende aspectos institucionais relacionados à escola e ao conjunto das organizações que regulam a vida social, elementos psicodinâmicos presentes nas relações familiares e grupais, e a totalidade social que se efetiva em cada elemento particular que a constitui, exercendo, com isso, forte pressão sobre os indivíduos e as instituições sociais desenvolvidas sob sua influência. Por essas razões, pode-se dizer que o enfrentamento





desse novo regulador das relações estabelecidas por crianças e adolescentes no contexto escolar ainda representa um grande desafio para toda a sociedade (ALVES et al, 2017).

De um lado, essa forma de agressão intencional e sistemática, cometida por crianças e jovens a seus pares, já é indicativa da inscrição psíquica precoce da destrutividade social; de outro, seu efeito imediato é a limitação da necessária expressão de características humanas essenciais, como a fragilidade, o medo e a diferença. Composto por elementos psíquicos regressivos, mas também por contextos institucionais contraditórios, bem como pela mediação social, o *bullying* compreende processos psíquicos individuais, como a agressão, a apatia e a crueldade (ALVES et al, 2017).

A infância e a adolescência são períodos nos quais a aprendizagem e a convivência social se solidificam e podem ser identificadas como fases do desenvolvimento em que os indivíduos são vulneráveis. São momentos críticos para o aprendizado de habilidades sociais e o manejo de sentimentos. Uma criança que tem a oportunidade de aprender e desenvolver o repertório de habilidades sociais tende a apresentar uma melhor adaptação e ajustamento social, como também uma maior satisfação nas interações com outras pessoas. Nesse sentido, déficits de habilidades sociais em etapas formativas da vida do indivíduo, podem comprometer fases posteriores de seu ciclo vital, visto problemas psicológicos, como a delinquência juvenil, por exemplo. Desta forma a promoção das habilidades sociais tem sido apontada como comportamento protetivo frente aos problemas de comportamento principalmente no que diz respeito à violência escolar. Pesquisas na área de relações interpessoais vêm confirmando uma associação entre déficit de habilidades sociais, problemas de comportamento e sociopatias em geral (SANTOS; SOARES, 2016).



Por ser um comportamento agressivo que viola os direitos de alguém, o *bullying* produz sérios efeitos negativos para as vítimas, com relatos de consequências em longo prazo. O agressor também pode utilizar a tecnologia para agredir a vítima: o chamado *cyberbullying*, no qual a agressão é emitida por meio do uso de ferramentas tecnológicas de informação e comunicação (ARGIMON et al, 2016).

Os problemas comportamentais e emocionais que acompanham os transtornos psicológicos podem envolver agressividade física e/ou verbal, depressão, isolamento social, ansiedade e fobia social. As dificuldades interpessoais que caracterizam esses problemas decorrem de um repertório pobre de habilidades sociais. Este é o caso da empatia, impulsividade, baixa autoestima, entre outros. As demandas de cada ciclo vital e as respostas apresentadas pelo indivíduo revelam a aquisição de comportamentos sociais envoltos em um processo de aprendizagem ao longo da vida (SANTOS; SOARES, 2016).

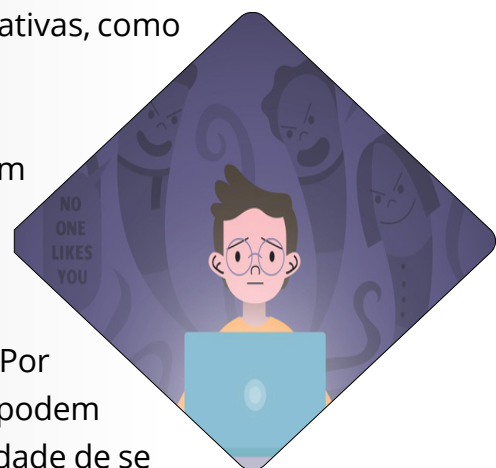




Em geral, os problemas de comportamento expressam uma necessidade, medo ou mesmo uma tentativa de evitar algo desagradável. Alguns estudiosos declaram que atitudes hostis que violam o direito e a integridade física e psicológica do indivíduo, com o intuito de causar sofrimento, caracterizam o *bullying*. Os problemas de comportamento podem consistir no fato de uma pessoa se tornar agressiva, ameaçadora, apática, hiperativa ou retraída (SANTOS; SOARES, 2016).

De acordo com a teoria bioecológica, o desenvolvimento humano é compreendido como resultante dos processos proximais vivenciados pela pessoa em diferentes contextos ao longo do tempo. São quatro os componentes que interagem entre si e influenciam o desenvolvimento humano: processos proximais, pessoa, contexto e tempo. Os processos proximais referem-se às interações do indivíduo que ocorrem no seu ambiente externo imediato. Podem resultar no desenvolvimento de características individuais que ajudam ou dificultam a adaptação da pessoa ao ambiente. Os relacionamentos das crianças com os pares na escola podem ser considerados exemplos de processos proximais vivenciados no microsistema escolar. Dependendo das características envolvidas nesses relacionamentos, podem resultar em relações adaptativas, como a amizade entre pares, ou em relações não adaptativas, como o *bullying* escolar (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).

O componente *pessoa* refere-se ao indivíduo em desenvolvimento, e tem características que podem influenciar a qualidade dos seus processos proximais. Crianças que possuem amplo repertório de habilidades sociais costumam ter maior facilidade em construir amizades na escola, o que pode protegê-las de se tornarem vítimas potenciais de *bullying*. Por outro lado, crianças com repertório restrito de habilidades sociais podem ter dificuldade em interagir com os pares, o que aumenta a possibilidade de se tornarem alvos do *bullying*. É importante ressaltar que as características da pessoa não são estáticas, mas se encontram em constante mudança, devido às interações vivenciadas em diferentes contextos. O contexto refere-se aos ambientes frequentados pela pessoa ou por outros indivíduos com quem ela convive, os quais exercem influência direta ou indireta sobre ela e sobre os seus processos proximais (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).

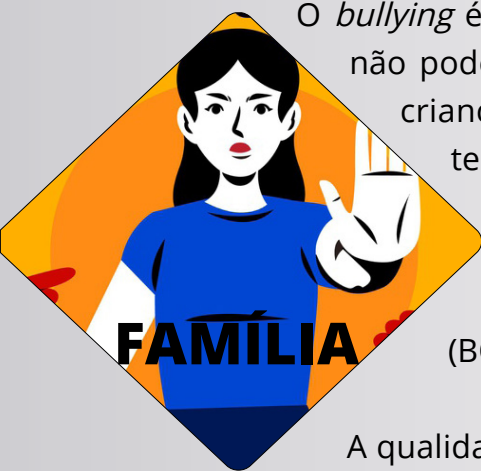


O tempo refere-se aos eventos que ocorrem tanto na vida da pessoa como na sociedade em geral, influenciando seus processos proximais e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento. Estes eventos podem ser internos ao organismo – como uma doença grave –, ou externos ao organismo, como a entrada na escola. Os processos proximais possuem um papel central neste modelo, pois são influenciados diretamente pelos demais componentes. Dependendo da sua qualidade, podem resultar em características individuais adaptativas ou não (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).

Considerando as manifestações do *bullying*, destacam-se dois tipos: direto e indireto. O *bullying* direto é mais fácil de ser identificado, sendo composto por duas dimensões específicas: física (bater, roubar, danificar objetos da vítima) e verbal (agressões verbais, apelidos desagradáveis, ameaças e xingamentos). É importante ressaltar que estudos apontam a relação de tais comportamentos com predisposição à agressividade e à violência, além de outras condutas antissociais, como uso de drogas. A manifestação indireta, por sua vez, é mais difícil de detectar. Por ser menos explícita, é pouco visível aos educadores e responsáveis. Expressões do *bullying* indireto envolvem, principalmente, aspectos de ordem relacional, como ações de exclusão grupal e disseminação de boatos (GOUVEIA et al, 2015)



## E o papel da família?



O *bullying* é um fenômeno complexo, multifacetado e multideterminado que não pode ser compreendido tendo-se como foco apenas as variáveis das crianças ou os acontecimentos ocorridos no espaço escolar. A escola tem o compromisso de educar os alunos, fornecendo-lhes condições favoráveis ao desenvolvimento saudável; mas para realizar o seu papel de modo efetivo, ela necessita do apoio da família, pois ambas compartilham de responsabilidades na formação dos futuros adultos (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).

A qualidade da relação entre os pais e a escola pode influir na forma como os pais respondem ao *bullying*. Os pais que não confiam na escola costumam não procurar para relatar as situações de vitimização dos seus filhos, enquanto os que percebem a escola como um ambiente confiável, seguro e aberto, tendem a se envolver mais e a buscar ajuda dos professores ou de outros representantes da escola (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).

O modo como os pais percebem as situações de *bullying* e atuam diante delas influencia também as atitudes e as estratégias empreendidas pelas crianças no manejo de situações de agressão. Dentre as estratégias adotadas pelos pais, destacam-se algumas apontadas na literatura como as mais utilizadas: conversar com os filhos para ajudá-los a desenvolver meios adequados de enfrentamento do problema; contatar a escola e os professores a fim de buscar soluções para o problema; e conversar com os pais da criança agressora ou com ela mesma. Eles podem, ainda, encorajar seus filhos a recorrerem à ajuda dos adultos, a evitarem ou ignorarem os agressores ou, até mesmo, a revidarem a agressão com outras agressões físicas ou verbais (BORSA; KOLLER; PETRUCCI, 2015).







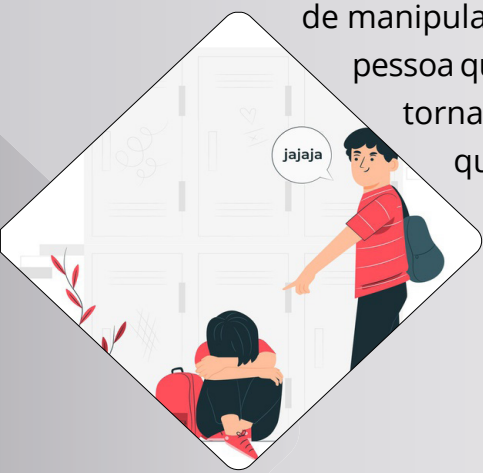
Sobre a influência do rápido desenvolvimento das tecnologias de comunicação e suas implantações no meio social, esse tipo de violência passou a se estender para fora do ambiente escolar, através das redes sociais e aparelhos de comunicação digital. Um dos pioneiros a falar sobre esse tipo de violência é Belsey (2004), denominando-o de cyberbullying, que é o uso de informações e de tecnologias de comunicação – como e-mail, celular, aparelho e programas de envio de mensagens instantâneas e sites pessoais – com o objetivo de difamar ou apoiar de forma deliberada comportamentos, seja de indivíduo ou grupo, que firam de alguma forma outros tantos (ANTUNES; SCHREIBER, 2015).

Essa nova expressão está em evidência, muito em função de acidentes pessoais, a exemplo de suicídios relacionados à divulgação de vídeos ou imagens por meio da internet ou smartphones. Essa recente tipologia pode ser considerada uma evolução na manifestação do próprio bullying, sendo expresso de quatro maneiras: 1) agressão por meio de mensagem de texto; 2) e-mails; 3) ligações telefônicas e 4) postagens, na internet ou via celulares, de vídeos e fotos que possam causar danos à vítima. Logo, o agressor tem uma variedade de ferramentas à disposição para ofender e denegrir a imagem de seus pares (GOUVEIRA et al, 2015).



Estudos mostram que nos EUA, Europa e Austrália, de 10% a 35% dos jovens já reportaram ter sofrido cyberbullying. Sendo que desses, de 10% a 20% – variando entre os países – já assumiram ter cometido o mesmo ato. As pesquisas internacionais mostram também que os efeitos do bullying virtual são tão graves quanto o do bullying presencial. O estudo da ONG Plan Brasil indica que 16,8% dos respondentes foram vítimas de cyberbullying, 17,7% foram praticantes e 3,5% são vítimas e praticantes. Essas pesquisas mostram como hoje o problema da violência escolar está se tornando um desafio social. No entanto, vale destacar também, que esse tipo de violência não é uma exclusividade das escolas, mas sim um problema que atinge diversos espaços da sociedade atual (ANTUNES; SCHREIBER, 2015).

Há pelo menos três personagens: os agressores, sendo classificados como impulsivos ou dissimulados. O impulsivo geralmente é uma pessoa com pouca estabilidade emocional, que apresenta certo nervosismo e que é incapaz de compreender a emoção dos outros, agredindo de forma cínica, sem qualquer cerimônia. Já os dissimulados são os agressores que têm altopoder de manipulação no grupo, sendo mais difícil de serem descobertos. A vítima, é a pessoa que sofre a agressão. Essas pessoas possuem pequeno poder de defesa, tornando-se uma vítima fácil de agressão. E por último, os espectadores que são as pessoas que não sofrem nem praticam as agressões, porém as presenciam e por medo de se tornarem vítimas, não denunciam os agressores (ANTUNES; SCHREIBER, 2015).



## E quais são as consequências?

O bullying“... acarreta sofrimento psíquico, diminuição da autoestima, isolamento, prejuízos no aprendizado e no desempenho acadêmico”. As vítimas desse fenômeno podem sofrer danos psíquicos difíceis de reparar e, eventualmente, podem desenvolver quadros depressivos. Apresentam dificuldades em relacionar-se com outras pessoas e passam a ter dificuldades no aprendizado, podendo inclusive assumir a posição de agressores em novas situações de *bullying*. Alvos, autores e testemunhas enfrentam consequências físicas e emocionais a curto e longo prazo (CAMPOS; TREVISOL, 2016).



Os efeitos do *bullying* sobre as testemunhas variam de acordo com o envolvimento destas; por exemplo, pode ir da quase extinção de comportamentos relacionados com solidariedade e cooperação até sofrimento vivenciado por aquelas que se identificam com a vítima. Percebe-se, portanto, que a participação em comportamentos de *bullying* pode trazer prejuízos aos envolvidos, algo que aponta para a necessidade de conhecer variáveis que possam predizê-los. De fato, alguns estudos têm identificado variáveis que podem explicar a predisposição para se envolver em situações de *bullying* no papel de agressor (e.g., agressividade, raiva, baixa agradabilidade e baixo autocontrole) e vítima (crenças negativas sobre si, baixa habilidade social, isolamento e clima escolar ruim) (GOUVEIA et al, 2017).



As consequências do *bullying* escolar são diversas e extensamente documentadas na literatura. Alguns dos principais efeitos da vitimização são solidão, maior evitação da escola, ideação suicida, baixa autoestima, depressão, ansiedade, problemas físicos de saúde e baixo rendimento acadêmico. Para os agressores, as autoras apontaram maior risco de problemas de conduta, envolvimento com delinquência e condenação por crimes na vida adulta. As vítimas-agressoras, por sua vez, foram consideradas o grupo em maior vulnerabilidade, com maior risco de diagnóstico de hiperatividade, depressão, baixo engajamento acadêmico e indicação para tratamento psiquiátrico (KIENEN; PERKOSKI; SANTOS, 2015).



## E o que a escola pode fazer para mudar esse cenário?

A formação e capacitação adequada dos profissionais que atuam na escola, bem como a constituição de equipes multidisciplinares, certamente tendem a contribuir para auxiliar o cotidiano escolar no encaminhamento de problemas como o *bullying*. A escola pode se constituir, ademais, como o cenário responsável por elaborar, inclusive, ações de prevenção ao fenômeno em conjunto com os pais dos alunos, principalmente tendo em vista que dentre as escolas



participantes da pesquisa, a maioria dos professores pesquisados afirmou não haver projetos de intervenção/prevenção ao *bullying*. Entretanto, cabe ressaltar que as ações perante o problema do *bullying* não possuem receitas prontas e não são cartilhas entregues aos professores que resolverão a situação problemática, mas se deve avaliar o contexto social, com suas particularidades, as quais envolvem tanto a família quanto a escola. Considera-se importante o protagonismo da escola e de seus profissionais na construção de alternativas para os problemas evidenciados nesse contexto (CAMPOS; TREVISOL, 2016).

## Referências

ALVES, L.S.L. de et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do *bullying*. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 44-56, 2017.

ANTUNES, Maria Cristina; SCHREIBER, Fernando Cesar de Castro. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.35, n.88, p.109-125, jan-jun 2015.

ARGIMON, I.I.L. et al. Habilidades sociais e *bullying* em adolescentes. **Temas em Psicologia**, v.24, n.1, p.251-259, 2016.

BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena; PETRUCCI, Giovana Wanderley. A participação dos pais nas pesquisas sobre *bullying* escolar. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.19, n.1, p.41-48, jan/abr 2015.

CAMPOS, Carlos Alexandre; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. *Bullying*: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.20, n.2, p.275-283, maio/agosto 2016.

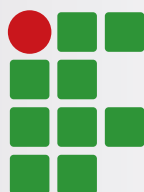
GOUVEIA, V.V. et al. Escala de comportamentos de *bullying* (ECB): elaboração e evidências psicométricas. **Psico-USf**, Bragança Paulista, v.20, n.3, p.385-397, set/dez 2015.

GOUVEIA, V.V. et al. Valores humanos e *bullying*: idade e sexo moderam essa relação? **Temas em Psicologia**, v.25, n.3, p.1317-1328, set 2017.

KIENEN, Nádia; PERKOSKI, Izadora Ribeiro; SANTOS, Mariana Michelena. *Bullying*: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. **Temas em Psicologia**, v.23, n.4, p.1017-1033, 2015.

SANTOS, Zeimara de Almeida; SOARES, Adriana Benevides. Habilidades sociais e *bullying*: um estudo entre agressores e vítimas. **Psicologia Argumento**, v.34, n.84, p.51-64, jan/mar 2016





**INSTITUTO  
FEDERAL**

Amapá

---

Campus  
Macapá

### **Informações e Contatos**

Setor de Saúde ao Estudante  
E-mail: [sese.macapa@ifap.edu.br](mailto:sese.macapa@ifap.edu.br)